

DESAFIOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS RURAI E URBANAS

CHALLENGES FOR GEOGRAPHY TEACHING IN RURAL AND URBAN SCHOOLS

Recebido em 26/04/2021

Aceito em 16/03/2022

Juliana Andrade da Silva

juliana.andrade.silva01@hotmail.com

Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Mata Norte
Nazaré da Mata – Pernambuco - Brasil

Ana Regina Marinho D. B. da Rocha Serafim

anarserafim@gmail.com

Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Mata Norte
Nazaré da Mata – Pernambuco - Brasil

Resumo

O presente estudo tem como objetivo fazer uma análise do ensino de geografia nas escolas rural e urbana, tendo como campo duas escolas do município de Feira Nova, localizado no Agreste Setentrional de Pernambuco, ambas públicas e municipais. Tem como objetivo entender os desafios enfrentados pelos diversos sujeitos dos espaços escolares, como alunos, professores e gestão, no que diz respeito ao ensino de geografia. O método de pesquisa utilizado para o desenvolvimento deste trabalho foi o exploratório, tendo como base uma abordagem qualitativa dos dados. Os procedimentos utilizados foram, realização de entrevistas com os professores, assim como observação de aulas, para identificar os maiores desafios enfrentados. Com a análise dos dados foi constatada uma real deficiência no ensino de geografia, seja pela falta de formação continuada e específica para os professores, seja por falta de estrutura da escola, o que afeta diretamente a relação de ensino-aprendizagem que deve ser construída com o aluno. Sendo assim, as diferenciações entre o ensino de geografia nos dois ambientes de ensino, que deveriam ser evidentes, acabam por serem quase imperceptíveis, acarretando diversos

problemas na formação dos alunos através de um ensino de geografia generalizado e muitas vezes alheio a realidade dos discentes.

Palavras Chave: Ensino de geografia, Rural, Urbano.

Abstract

The present study aims to make an analysis of geography teaching in rural and urban schools, with two schools in the municipality of Feira Nova, located in the Northern Agreste of Pernambuco, both public and municipal. It aims to understand the challenges faced by the various actors of both school spaces, such as students, teachers and management with regard to geography teaching. The research method used for the development of this work was exploratory, based on a qualitative approach to data. The procedures used were interviews with teachers, as well as observation of classes, to identify the greatest challenges faced. With the data analysis, a real deficiency in geography teaching was found, either due to the lack of continuing and specific training for teachers, or by lack of school structure, which directly affects the teaching-learning relationship that must be built with the student. Thus, the differences between the teaching of geography in the two teaching environments, which should be evident, end up being almost imperceptible, causing several problems in the formation of students through a widespread geography teaching and often unrelated to the reality of the students.

Key words: Geography teaching, Rural, Urban.

Introdução

O presente trabalho traz uma análise do ensino de geografia no que diz respeito aos espaços rural e urbano, tendo como base os questionamentos sobre desafios na sua prática. A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas, uma localizada na área rural e outra na área urbana do município de Feira Nova, localizado no Agreste Setentrional de Pernambuco. As turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais foram campo de análise e desenvolvimento deste trabalho, que abrangeu temáticas da geografia voltadas para o ensino.

O ensino de geografia nas escolas rurais e urbanas enfrenta diversos desafios e problemáticas, advindos tanto da falta de interesse e dificuldade dos professores em buscar metodologias de ensino que atrelem os conhecimentos geográficos a realidade dos alunos, a falta de estrutura disponibilizada pelas escolas, assim como da generalização feita pelos currículos, que acabam por oferecer um planejamento que não engloba as especificidades de todos os âmbitos referentes a educação escolar. Autores como Cruz e Azevedo (2019) e Oliveira

(2011) destacam essas dificuldades e generalizações de forma clara e contextualizada, abarcando diversas problemáticas atreladas a educação básica.

As escolas rurais tendem a ser marginalizadas e deixadas a parte, tendo currículos urbanizados e que não levam em consideração sua realidade particular. Concordando com Martins (2008, p. 3)

Em nome de uma pretensa unidade, o que se observa é o descaso em relação à população camponesa; o estabelecimento de uma política de “extensão” dos saberes “cultos” da “vida urbana” para o campo. Enfim, a escola do campo é tratada como um apêndice da escola urbana, precariamente estabelecida sobre bases estranhas à sua síntese social, que é responsável por sua condição de existência.

Os sujeitos responsáveis, professores, gestão e torna-se ainda mais grave, já que os livros didáticos e os professores, governo, não buscam ou empregam meios de tornar a educação do campo significativa para os alunos. Em relação a geografia, ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, toda essa deficiência abordam os conhecimentos de forma alheia à realidade dos estudantes, o que prejudica seu desenvolvimento intelectual e social.

Nas escolas localizadas tanto no espaço urbano quanto no espaço rural os problemas no ensino de geografia ocorrem no que diz respeito a falta de estrutura, abordagem inferiorizada em relação aos conteúdos referentes ao campo, deficiências na associação dos conhecimentos a exemplos próximos, ensino não contextualizado, metodologias desgastantes e repetitivas, que acabam por desmotivar os alunos e fazer com que eles olhem para a geografia de maneira não amistosa.

Sendo assim o foco desta pesquisa é o ensino da geografia e como este ensino tem sido abordado nas escolas rural e urbana, de que forma os conteúdos são ou não adaptados à realidade dos alunos. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o ensino de Geografia no nas escolas rural e urbana, de forma a entender seus desafios e maiores problemáticas relacionadas ao ensino. Como objetivos específicos tem-se: identificar semelhanças e diferenças no ensino da geografia na escola urbana e na escola rural; analisar de que forma se dá o planejamento dos professores em cada uma das escolas, os materiais

utilizados e as didáticas empregadas; apontar a partir das observações realizadas, quais os maiores desafios no ensino da Geografia de acordo com o conteúdo ministrado e os respectivos espaços escolares em que essa disciplina é lecionada.

O método de pesquisa utilizado foi o exploratório, tendo como base uma abordagem qualitativa dos dados. De acordo com Ramires e Pessoa (2013, p. 23), “Os pesquisadores qualitativos estão mais preocupados com o processo, e não simplesmente com os resultados, tendo o ambiente natural com fonte direta dos dados, e grande destaque é dado a interpretação do significado das ações sociais”.

A análise foi desenvolvida a partir de pesquisas bibliográficas em livros, documentos e artigos que abordam temáticas relacionadas com este trabalho. A partir disso foram realizadas pesquisas de campo, com o intuito de observar as aulas de geografia nas duas escolas que foram campo de estudo desta pesquisa. Assim como para a realização de entrevistas com os professores de Geografia, tanto para entender questões relativas a suas realidades e dificuldades, como para inteirar-se dos planejamentos das aulas e discussões realizadas nas mesmas. A escola localizada no espaço urbano está inserida no centro urbano do município de Feira Nova e atende alunos de diversos bairros, contando com uma imensa estrutura e rede de apoio; a localizada no espaço rural é direcionada aos moradores das comunidades rurais próximas a ela.

Sendo uma pesquisa de cunho qualitativo, a análise e tabulação de dados se deu de forma interpretativa, entendendo as nuances e tendências advindas das respostas. As observações das aulas também fizeram parte das análises, onde foi possível observar as metodologias e dinâmicas aplicadas na sala de aula.

O ensino de geografia na educação básica: ferramentas de análise

O ensino de Geografia na educação básica brasileira baseia-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que apresentam versão tanto para o Ensino Fundamental como uma para o Ensino Médio. Assim, como mais recentemente, tem se apoiado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ambos os documentos direcionam o ensino a partir de um patamar organizacional.

O PCN traz de forma detalhada conteúdos e meios para o desenvolvimento da disciplina em sala de aula, abordando os temas e os direcionando para uma análise da realidade próxima.

A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. Neste sentido, assume grande relevância dentro do contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em sua meta de buscar um ensino para a conquista da cidadania brasileira. As temáticas com as quais a Geografia trabalha na atualidade encontram-se permeadas por essa preocupação. (BRASIL, 1998, p. 26).

Já a BNCC direciona o enfoque para o desenvolvimento de habilidades e competências e acaba por se restringir as unidades temáticas, e objetos de conhecimento o que de certa forma torna o desenvolvimento da disciplina de certa forma alheio a realidade do aluno.

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2017, p. 8).

Desta forma, mesmo direcionando de certa maneira o ensino de geografia no Brasil, os dois documentos acabam por generalizá-lo não levando em conta no decorrer do desenvolvimento de suas ideias, as diferenças e peculiaridades regionais, assim como as especificidades da educação do campo.

De acordo com a Lei de Diretrizes e bases da educação nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, assegura-se adequação do currículo de acordo com as diversidades regionais e culturais, as quais fazem parte da realidade da escola e do educando.

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada

sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996, p. 16).

Sendo assim, a necessidade de uma base nacional comum é constatada, porém é preciso que haja complementações advindas das necessidades e individualidades de cada estabelecimento escolar, e da comunidade a qual faz parte. Características econômicas, culturais e sociais diferenciam os aspectos regionais de cada instituição escolar, sendo necessárias adaptações nos sistemas de ensino em nível estadual e municipal, e dentro desses, adaptações a realidade de cada escola a partir de sua localização e público atendido.

Cabe também ao professor buscar meios de tornar esse ensino o mais significativo possível, levando em consideração os aspectos próprios de cada escola e até mesmo de cada turma. Utilizar ao máximo o que estiver ao seu alcance para melhorar a qualidade do ensino em determinada realidade. Concordando com Libânio (2011, p.6)

Insistimos bastante na exigência didática de partir do nível de conhecimentos já alcançado, da capacidade atual de assimilação e do desenvolvimento mental do aluno, dos motivos do aluno. Ou seja, não existe o aluno em geral, mas um aluno vivendo numa sociedade determinada, que faz parte de um grupo social e cultural determinado, sendo que essas circunstâncias interferem na sua capacidade de aprender, nos seus valores e atitudes, na sua linguagem e suas motivações. Ou seja, a subjetividade (os motivos) e a experiência sociocultural concreta dos alunos são o ponto de partida para a orientação da aprendizagem. Um professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, seus motivos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida. Sem essa disposição, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas, relacionados com os conteúdos, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa.

A didática tem aqui um papel de destaque, já que é a partir dessa construção profissional tão importante que cabe ao professor, de entender a realidade e partindo disso, desenvolver seus objetos e métodos de ensino, que se dá a verdadeira e efetiva aprendizagem. O ensino aprendizagem acontece através da relação entre professor e aluno. Essa relação depende de muitas coisas além de um docente que tem propriedade do conteúdo que ministra e de um discente que o escuta.

Conclui-se, daí, que a um professor não basta dominar o conteúdo, é preciso que saiba mais três coisas: a) qual é o processo de pesquisa pelo qual se chegou a esse conteúdo, ou seja, a epistemologia da ciência que ensina; b) por quais métodos e procedimentos ensinará seus alunos a se apropriarem dos conteúdos da ciência ensinada e, especialmente, das ações mentais ligadas a esses conteúdos; c) quais são as características individuais e socioculturais dos alunos e os motivos que os impulsionam, de modo a saber ligar os conteúdos com esses motivos. (LIBÂNIO, 2011, p. 4)

Portanto, cabe tanto ao estabelecimento escolar quanto ao professor, buscar formas de inserir a realidade e as questões específicas de cada região, comunidade e turma, no desenvolvimento das aulas, de forma a tornar o ensino cada vez mais significativo para os alunos. E através dessa mediação entre professor, conteúdo e aluno, o conhecimento toma forma, como algo muito maior do que uma matéria a ser memorizada para uma prova, mas passa a ser internalizado, tornando o educando capaz de utilizar esses conhecimentos no seu dia à dia e a estabelecer relações através dele.

O ensino de geografia nas escolas rural e urbana

Em relação a educação do campo, a dificuldade de adaptação dos conteúdos a ganha uma maior dimensão pelo fato de suas especificidades não serem atendidas no que diz respeito a adaptação curricular, professores não qualificados, estrutura física, metodologia de ensino e tantos outros problemas, o que gera discussões principalmente em torno do currículo urbano que é empregado nessas escolas. De acordo com a LDB (9.394/1996) essas adaptações devem ser feitas e respeitadas (BRASIL, 1996, p. 16)

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

No entanto, a realidade é outra, muitos autores destacam a diferenciação entre escola rural e escola do campo e desta forma explicam seus paradigmas e influências. De acordo com Fernandes e Molina (2004) a educação do campo está atrelada a distinção do campo do agronegócio e do campo da agricultura camponesa, estando o primeiro associado a educação rural e o segundo a educação do campo. Concordando com Cruz e Azevedo (2019, p. 110):

Nesta pesquisa definiu-se como escola do campo, aquelas que além de estarem localizadas geograficamente em áreas rurais, consideram em sua formação pedagógica e organizacional, as especificidades vividas pelos sujeitos do campo e que estão vinculadas a educação do campo [...] escolas no campo são aquelas localizadas na zona rural, porém sua metodologia de ensino e organização são similares as escolas urbanas.

Na grande maioria das escolas localizadas no campo o que existe é o desenvolvimento da educação rural, pautada na desvalorização da cultura camponesa que é abordada de forma superficial e inferiorizada nos livros didáticos de Geografia e acaba sendo legitimada por professores não qualificados para o trabalho, o que é apontado por Oliveira (2011, p. 64):

[...] qual o sentido da não realização de uma política específica para a formação de uma educação do campo voltada para um projeto de valorização do povo do campo? A falta de políticas específicas de formação de educadores(as) e a desarticulação das escolas rurais fazem parte de uma estratégia de desestruturação dos movimentos sociais do campo e de fortalecimento de um projeto de educação afinado entre governo, banco mundial e elite brasileira.

Não é interessante ou vantajoso para a elite e para os governantes realizar o desenvolvimento e formação de uma educação do campo de qualidade. Por isso, não há responsabilidades para com políticas específicas e total desarticulação com a realidade e vivências dos alunos, com isso buscam a desestruturação dos movimentos sociais do campo e das perspectivas de futuro para os estudantes, já que o que é almejado pela elite latifundiária é

que a mão de obra mantenha-se ignorante e barata sendo advinda do campo para o trabalho no campo.

Para que o ensino de geografia na escola do campo aconteça de forma eficaz é preciso que atenda a alguns princípios.

Trabalhar a Geografia escolar a partir da relação sociedade e natureza; considerar as experiências dos professores/comunidade/alunos como base para o ensino; levar ao conhecimento do professorado diferentes linguagens propostas para a construção da Geografia escolar; elaborar práticas metodológicas de ensino que permitam explorar leituras do campo. (OLIVEIRA, 2011, p. 72).

E a partir deles, lutar por uma educação integradora e que rompa com os parâmetros tradicionais de escola ruralizada e refém dos interesses da classe dominante, que gera influências negativas tanto em relação ao olhar para o campo, como para o desenvolvimento de sua população. De acordo com Martins (2008, p. 3)

Os posicionamentos a favor da especificidade da educação do campo encontram uma crítica constante, pautada na seguinte premissa: Ao estabelecer a especificidade da educação do campo, incorre-se no erro de dicotomizar o sistema de ensino, fazer uma oposição frontal entre rural e urbano, campo e cidade [...]

Porém, o que cabe no desenvolvimento dos currículos, é um olhar que foque nas especificidades de cada espaço escolar, levando em consideração os seus sujeitos, e a realidade da qual fazem parte. Portanto, o ensino no espaço urbano, assim como no espaço rural deve ser abordado de acordo com seus parâmetros e necessidades, cabendo as instâncias responsáveis, adequar currículos e métodos, e não relativizar a importância das especificidades de uma ou outra indicando existência de dicotomia. O ensinar geografia segundo Almeida (1991, p. 86) deve começar:

Partindo do conhecimento adquirido através da observação do meio circundante, conhecimento esse ainda não sistematizado, o aluno deve ter oportunidade de contribuir para a elaboração de um arcabouço formado por

ideias, conceitos e categorias que lhe permitam interpretar, de forma cada vez mais profunda, a realidade que o cerca.

Ou seja, qualquer que seja o espaço de desenvolvimento escolar, as especificidades na forma de abordagem do conteúdo são necessárias, tanto quanto utilizar o meio como elemento na construção do conhecimento, já que a realidade a qual o sujeito pertence é fator preponderante para sua aprendizagem.

As escolas campo de desenvolvimento deste estudo estão localizadas no município de Feira Nova, localizado na mesorregião do Agreste Setentrional de Pernambuco, e integra também a microrregião do Médio Capibaribe. Por ser um município pequeno, com população estimada de cerca de 22.000 habitantes, segundo o IBGE, possui somente 16 escolas, sendo 4 delas privadas e voltadas para o Ensino Infantil e Fundamental Anos iniciais; 2 estaduais, voltadas para o Ensino Fundamental e Médio, e 10 delas de responsabilidade do governo municipal, estando 6 localizadas na zona urbana e 4 na zona rural, de acordo com dados do site do INEP (2019).

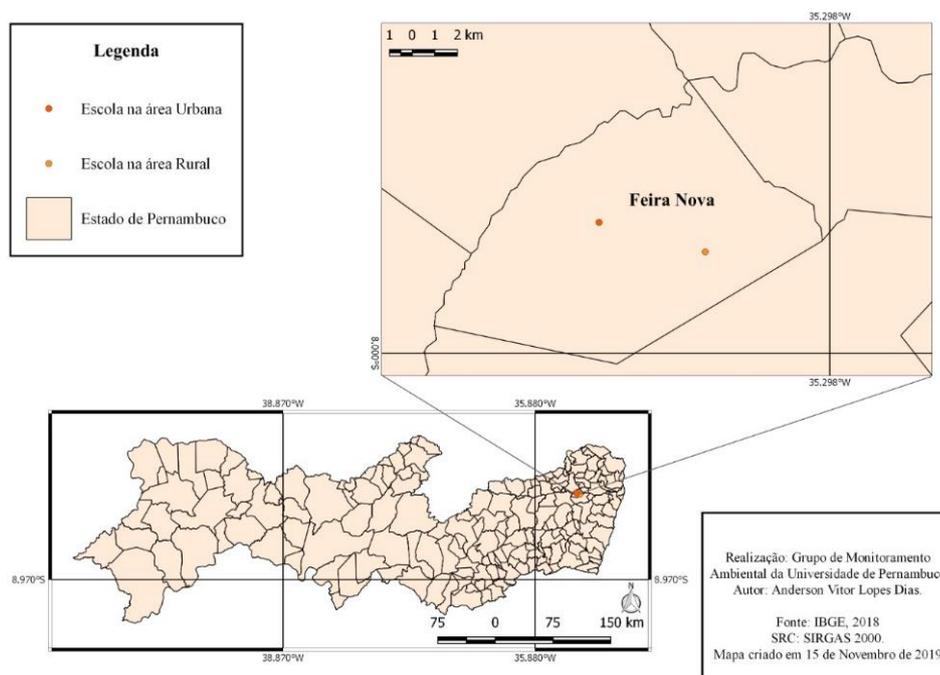
Os dois estabelecimentos escolares utilizados nesta pesquisa fazem parte da rede municipal de ensino, portanto são públicas. Sendo assim, os alunos das duas usufruem de transporte escolar, merenda, disponibilidade de material escolar, assim como de livro didático inteiramente gratuitos. Uma importante diferença entre elas são suas localizações (Mapa 1), já que uma encontra-se na zona urbana, exatamente no centro da cidade e por isso atende a um público muito maior e diversificado, e a outra fica na zona rural, um pouco afastada do centro, atendendo apenas o público que reside nos seus entornos.

O estabelecimento escolar localizado na zona urbana funciona nos três turnos, oferecendo Ensino Fundamental Anos Finais e EJA (Educação de Jovens e Adultos). As 31 turmas que compõem a escola são distribuídas da seguinte forma: no turno matutino são 14 turmas. No período vespertino, funcionam com 11 turmas, ambos os turnos voltados para o Ensino Fundamental Anos Finais, e no período noturno 6 turmas da EJA.

Os alunos que frequentam a escola geralmente são os que residem nas proximidades, mas como o município tem uma pequena extensão territorial, aproximadamente 107, 726 Km²,

segundo o IBGE, conta com poucas escolas, muitos alunos deslocam-se grandes distâncias todos os dias para irem a aula, muitos vindos até mesmo da zona rural.

Mapa 1– Localização das escolas campo de análise da pesquisa



Fonte: IBGE – SRC: SIRGAS 2000, modificado por Anderson Vitor, 2019.

A escola conta com sete sanitários masculinos e sete femininos para os estudantes, sendo dois adaptados para deficientes físicos; e um para os funcionários. Possui uma diretoria de espaço inadequado por ser muito pequena, uma secretaria e uma sala dos professores que segue o mesmo problema. Possui uma biblioteca e uma sala de coordenação, mas não conta com laboratório de informática, assim como quadra esportiva e auditório. Conta com 14 salas de aula, uma cantina e uma cozinha, seis depósitos e uma dispensa, além de possuir quatro locais adequados para recreação, em seu pavilhão único e térreo.

As turmas desta escola que foram utilizadas como campo de estudo consistiram em uma turma de 6º ano e uma de 7º ano, selecionadas pelos conteúdos trabalhados, e pela facilidade de acesso. A maneira de analisar mais profundamente de que forma se dá o ensino de geografia

para os alunos e como eles o enxergam. As turmas são extremamente numerosas, com cerca de 40 alunos cada.

A escola localizada na zona rural também funciona nos três turnos, e oferece Ensino Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais, assim como EJA. Possui apenas 16 turmas que se dividem em Ensino Infantil e parte do Ensino Fundamental Anos Iniciais pela manhã; as demais turmas de Ensino Fundamental Anos Iniciais e todas dos Anos Finais a tarde e as turmas de EJA a noite.

Os estudantes que frequentam a unidade de ensino são residentes dos entornos da escola, seja no próprio sítio Agostinho, onde se localiza, ou nos que ficam mais próximos. Desta forma, não é frequentada por alunos da zona urbana, diferentemente do intercâmbio que acontece na anterior, devido a falta de vagas e preferência dos pais.

A escola tem um espaço bastante reduzido e possui 7 salas de aula, uma cantina, uma biblioteca, uma diretoria que divide espaço com a secretaria, não possui laboratórios de qualquer área, assim como auditório ou sala de reuniões. Possui um pequeno pátio e uma quadra poliesportiva utilizada pela comunidade que está em processo de reformas para ser coberta.

As turmas de 6º e 7º ano desta escola foram empregadas nas análises desta pesquisa, já que a escola possui apenas uma turma de cada série. O que proporcionou experiências e reflexões acerca da construção da educação do campo em uma escola rural que não atende as especificidades de seu público.

Planejamento e didática no ensino rural e urbano

Analisando os sujeitos da comunidade escolar, no que diz respeito aos professores de Geografia de ambas as escolas, as realidades são bastante diferentes. E um ponto interessante é que o professor das turmas analisadas na escola urbana, é também o professor do 6º ano na escola rural, o que tornou a análise ainda mais complexa no que diz respeito a adequação de seus métodos e didáticas empregadas em cada um dos ambientes de ensino.

Para uma melhor organização das análises o professor da escola urbana e de uma das turmas da escola rural será mencionado a partir de então como professor 1 e o professor da outra turma da escola rural será citado como professor 2.

Em relação ao planejamento, o professor 1 tende a seguir o que é proposto pela escola sem realizar grandes alterações, utilizando na maior parte do tempo o livro didático como base, sem desenvolvimento de planos de aula ou sequências didáticas. O mesmo possui formação em Licenciatura em Geografia, por isso possui mais facilidade no ensino da mesma e consegue trazer apesar do uso constante do livro didático, exemplos próximos a realidade dos alunos. De forma a contextualizar o conteúdo, utiliza também mapas, globos e desenhos, buscando facilitar a construção de conhecimento dos estudantes, e de maneira firme faz com que fiquem atentos e participem das aulas.

A partir das observações de do professor 1 foi possível constatar sua habilidade e exemplificar o conteúdo e sanar as dúvidas dos alunos. A aula observada na turma de 6º ano na escola urbana, referente ao conteúdo de Cartografia teve o livro didático como recurso principal, associado ao uso do quadro branco para a realização de esquemas e desenhos, assim como de mapas e globo disponibilizados pela escola para melhor visualização. Os alunos permaneceram focados durante um tempo, mas após alguns minutos passaram a se dispersar mesmo que o professor utilizasse de estratégias como citar exemplos do cotidiano, ou até mesmo reclamar firmemente para fazê-los prestar atenção na aula novamente.

O tema da aula consistia em movimentos da terra e orientação espacial, conteúdo totalmente associável ao cotidiano e que poderia ser analisado de diversas maneiras, mas a escola não oferece disponibilidade de muitos materiais ou equipamentos como Data show e caixa de som para realização de uma aula diferente, ou material de papelaria para confecção e realização de maquetes ou jogos, o que acaba por dificultar o trabalho do professor.

A outra aula observada na escola urbana, dessa vez na turma do 7º ano, mas também ministrada pelo professor 1, tinha como tema a Região Nordeste, também extremamente propícia para ser relacionada com o cotidiano, já que é a região a qual habitamos. O livro didático seguiu como base, porém, de forma muito mais enfática e mesmo com exemplos e conexões com o dia a dia sendo estabelecidas, os alunos mantinham-se inquietos e em sua maioria desatentos ao que estava sendo dito, isso é uma característica forte da turma, porém o professor com todo o domínio do conteúdo e dedicação a aprendizagem de seus alunos, busca construir aos poucos o conhecimento junto com eles, contudo ainda muito preso ao livro.

A terceira aula observada, agora em um novo ambiente de ensino, a escola rural, também foi ministrada pelo professor 1, na turma de 6° ano. O primeiro impacto da aula foi o quantitativo de alunos, muito menor que na escola urbana, o que fez a dinâmica da aula mudar totalmente e a relação de respeito pelo professor aparentou ser muito mais forte e notada em pouco tempo. O tema foi o mesmo, Cartografia, e nessa turma foi trabalhado de forma distinta, com os alunos sentados em grupos, com utilização de um jogo de perguntas para a revisão, mas ainda assim tendo o livro didático como base para a aula, mesmo com sua tendência mais dinâmica.

A estrutura da escola em relação a material de apoio é ainda mais difícil, assim como a estrutura física em relação a iluminação e ventilação, o que não é encontrado na escola citada anteriormente. Mesmo assim, o professor tenta adequar o conteúdo trabalhado a realidade dos alunos, com exemplos e perguntas que associem os conhecimentos prévios dos mesmos ao tema da aula, buscando uma abordagem mais atraente e interessante.

Sendo assim, foi possível observar durante o andamento das aulas uma total dedicação e compromisso do professor, com a aprendizagem de seus alunos. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, ele consegue manter a harmonia em sala de aula, fazendo com que através de suas aulas mesmo tradicionais, utilizando o livro didático e o quadro branco, os alunos despertem o interesse pela disciplina, e os anos de experiência em sala de aula certamente contribuem para o êxito. A partir da construção de uma boa relação com alunos, onde existem diálogo e respeito, o docente consegue mobilizar a aprendizagem de forma clara e direta, aguçando a curiosidade dos discentes e associando o conteúdo com o cotidiano dos mesmos, adequando as temáticas trabalhadas as realidades de cada um dos espaços escolares no qual leciona. Preocupando-se em formar cidadãos prontos para encarar um futuro árduo de maneira crítica e consciente.

É importante perceber que o conhecimento geográfico, assim como outros, não é um conhecimento neutro, mas relaciona-se com o contexto social vivido, saindo dos reflexos da reprodução, que só impõem conteúdos acrícos. É preciso (re) pensar em que condições os saberes ensinados podem permitir que as gerações estabeleçam mudanças significativas a partir deles. (MIRANDA, 2015, p. 45)

O professor 2, que ministra as aulas no 7º ano da escola rural, diferentemente do professor 1, possui formação em Licenciatura em História, com cerca de dois anos de atuação, o que é o primeiro obstáculo enfrentado ao assumir as aulas de Geografia dessa turma. O planejamento é semelhante ao anterior, sem grandes preparações ou planos e utilizando também o livro didático como referência principal. A partir da observação da aula foi possível constatar o tipo de aula tradicional que é desenvolvida pelo professor, utilizando livro didático, quadro branco e mapas.

A abordagem dos conteúdos e as didáticas empregadas foram confusas, e mesmo trabalhando um conteúdo facilmente associável a realidade dos alunos, como a Região Nordeste, ele teve imensas dificuldades em exemplificar. Também foi perceptível o uso de conceitos de forma equivocada, e uma dificuldade exorbitante no que tange os aspectos da Geografia física e a leitura dos mapas com os alunos.

Desta forma, o mesmo tratou o conteúdo de forma superficial, não instigando os alunos, e trazendo para eles um Geografia muito distante, sem ao menos citar que a Região Nordeste é a qual eles vivem, ou associar as características do Agreste, a sub-região em que o município de Feira Nova está inserido, com as que eles veem em seu dia a dia, como agricultura de subsistência, criação de gado, ainda mais pela realidade dos alunos, que é muito mais ligada a essas questões por estarem inseridos no espaço rural.

Ao fim da aula o professor tentou utilizar o Data Show para exibir um vídeo, porém o equipamento não funcionou, o que lhe fez perder muito tempo da aula tentando organizá-lo. Portanto, além das dificuldades em relação a formação, a falta de estrutura e equipamentos da escola acaba por prejudicar ainda mais o andamento das aulas.

Sendo assim, apesar dos nítidos esforços desempenhados pelo professor 2, a sua falta de formação na área prejudica a construção do conhecimento dos alunos. Eles estão sendo formados sem o olhar crítico da Geografia, sem entender efetivamente que tudo ao seu redor é Geografia e que ela pode ser analisada em seu cotidiano, dessa maneira, não serão capazes de encarar a vida criticamente e de forma dinâmica como deve ser, por isso, o ideal seria que este problema fosse resolvido já, seja pela capacitação do professor com a formação adequada ou

substituição do mesmo. Segundo Oliveira (1989, p. 144) é preciso pensar em “Uma geografia que possibilite às crianças, no processo de amadurecimento físico e intelectual, irem formando/criando um universo crítico que lhes permita se posicionar em relação ao futuro, e lhes permita finalmente construir o futuro”.

Possibilidades e desafios no ensino rural e urbano

De maneira a realizar uma análise mais ampla das questões relativas as possibilidades e desafios encontrados pelos professores, seus planejamentos e formações, assim como acesso a materiais didáticos disponibilizados pela escola, foi realizada com ambos, uma curta entrevista estruturada composta por seis perguntas, levantando algumas questões relevantes para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O professor 1, tendo formação na área de Geografia e possuindo anos de experiência na carreira docente, relatou quando perguntado, que um dos maiores desafios no que diz respeito ao ensino de Geografia de acordo com sua opinião é estabelecer conexões entre o que está sendo explicado e o cotidiano dos alunos, de forma com que se sintam não apenas como espectadores, mas também atores na construção do mundo ao seu redor.

Já o professor 2, que não possui formação na área de geografia acaba por trazer outra visão em relação aos desafios encontrados no ensino, destacando a divergência entre a atuação e a formação. Apontou dificuldades principalmente no que abarca os aspectos físicos da Geografia, e nos aspectos humanos um obstáculo de direcionar a visão para as questões geográficas, o que diverge para as questões históricas por ser sua área de formação.

Desta forma, a área de formação influencia diretamente no ensino, e é essencial que esteja em conformidade com a atuação profissional. Quando não ocorre prejudica demasiadamente o processo de ensino aprendizagem, e de certa forma torna a formação educacional e cidadã do aluno, deficiente. De acordo com Zuba (2013, p. 12)

A prática educativa desempenhada pelo professor é, em grande parte, resultado do processo de formação inicial que obteve na academia. Sendo assim, os empecilhos presentes no trabalho dos professores, os quais dificultam o processo de ensino/aprendizagem efetivo, pode estar arraigado no próprio processo de formação desses profissionais.

Por atuarem nos dois ambientes de ensino, tanto no urbano quanto no rural, ambos os professores destacaram algumas diferenças entre eles, tanto em relação aos alunos, ou na forma como abordam os conteúdos. Citaram que tanto na zona urbana quanto na zona rural os estudantes são bastante agitados o que dificulta o nível de concentração, porém na escola rural devido a menor quantidade de alunos por turma as aulas tendem a ocorrer de maneira mais fluida.

Outra questão interessante apontada pelos professores – principalmente pelo professor 1- foi em relação aos tipos de conteúdo que são mais palpáveis para a compreensão dos alunos em cada ambiente de ensino, sendo os relacionados ao natural como paisagem, vegetação e relevo, para os alunos da escola rural; e as paisagens antrópicas e questões econômicas para os alunos da escola urban.

Um ponto trazido pelos professores durante as entrevistas e que foi totalmente perceptível durante as observações de aulas realizadas, foi em relação ao respeito pela figura do professor, que é maior na escola rural, seja dentro ou fora da sala da aula, o que reflete no comportamento dos alunos, diante a valorização do papel do professor. Esse respeito é refletido através de ações como: atenção a aula, cumprimento de prazos, respeito a autoridade e decisões tomadas pelo professor, relação de confiança e afeto de ambas as partes.

Quando questionados se haviam recebido formação continuada para a educação do campo, os dois professores afirmaram que não. Disseram que existem sim formações oferecidas pela Secretaria de Educação do município, voltadas para a interdisciplinaridade, ou utilização de tecnologia para o ensino, por exemplo, porém nada direcionado ou totalmente focado nas especificidades da educação do campo.

A falta dessa atualização/ formação no que diz respeito a educação do campo e suas particularidades acaba por vezes tornando o ensino seja de Geografia ou de qualquer outra área, aquém a realidade dos alunos, dificultando a aprendizagem e a construção significativa do conhecimento. Tendo em vista que na maioria das vezes os planejamentos, didáticas e materiais utilizados nas escolas urbanas são levados para as escolas rurais sem nenhuma adequação ou análise, quando ao menos existem, já que de acordo com o que foi respondido por ambos os

professores, os mesmos não possuem planejamentos específicos para os ambientes em que ensinam, e acabam por seguir o cronograma básico que é disponibilizado pela escola no início do ano letivo.

A aprendizagem deve ter significado para o educando e não um mero repasse de conteúdo, enfatizando uma educação dialógica, inclusiva, coerente, onde as particularidades locais sejam atendidas. Desta maneira, o conhecimento prévio dos documentos e diretrizes que norteiam a educação do campo, configura-se como algo essencial para o desenvolvimento de um estudo e fundamentações para uma prática pedagógica que, além de motivar o educando do campo, o posicione enquanto sujeito de valores específicos, pois, é essa grande diversidade do campo que enriquece e desafia novas práticas pedagógicas, ou seja, reconhecer a complexidade da diversidade, que é histórica. (CZARNIESKI; DALAROSA, 2016, p. 12)

Por fim os professores foram questionados em relação a disponibilidade de estrutura e materiais para a realização de suas aulas, enquanto o professor 1 afirmou ter uma maior disponibilidade de espaço e apoio para o desenvolvimento de aulas extraclasse, assim como existência de recursos como mapas, globos e sala de multimídia disponível para o uso com pré agendamento na escola urbana. O professor 2 disse não ter a disponibilidade de muitos recursos, já que a escola tem dificuldades no oferecimento de alguns materiais, sendo equipamentos como Data show e caixa de som, de uso bastante restrito, e as aulas fora de sala de aula praticamente inexistentes.

Portanto, ficou claro tanto no decorrer das observações de aulas, como na análise das entrevistas realizadas com os professores, que diversos são os desafios enfrentados no ensino de geografia, seja na escola urbana ou a rural.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar o ensino de geografia nas escolas rural e urbana, de forma a elucidar as inquietações e hipóteses que motivaram a construção dessa pesquisa. A principal questão tratada durante toda a pesquisa foi entender os desafios enfrentados pelos sujeitos da comunidade escolar, no que diz respeito ao ensino de

geografia em ambos os ambientes de ensino, com o foco na aproximação do conteúdo a realidade dos alunos.

No que diz respeito aos desafios enfrentados no ensino de geografia nos dois ambientes de ensino, a partir de toda a metodologia descrita, foi possível identificar que perpassa por questões que vão desde a formação do professor, que no caso da escola rural era inexistente na área em que o mesmo ministrava, ou mesmo a falta de formação continuada específica para o ambiente rural de ensino.

Os desafios envolvem também as didáticas e abordagens do conteúdo pelos professores, que grande parte das vezes não leva em consideração a realidade do aluno para a construção do conhecimento e acaba que o conteúdo não faz sentido no processo da aprendizagem, sendo necessária a contextualização do ensino.

Envolve ainda a infraestrutura e os recursos didáticos aos quais o professor tem acesso e que são disponibilizados pela escola, tornando-se um problema estrutural tanto pela falta de equipamentos para a dinamização das aulas, quanto de realmente estrutura física para acomodação dos alunos. Outro desafio advém da falta de planejamento dos professores e da generalização dos currículos que não levam em consideração as realidades e peculiaridades de cada ambiente de ensino.

Portanto, diversos são os desafios existentes no ensino da ciência geográfica e superá-los é uma árdua tarefa desempenhada todos os dias pelos que acreditam na geografia como possibilidade de transformação do indivíduo e de sua realidade. Sendo assim, os desafios não devem ser limitantes, mas sim aberturas para o desenvolvimento de olhares críticos e mentes pensantes.

Referências

ALMEIDA, Rosângela D. de. Propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de geografia. In: RIBEIRO, Wagner Costa (org.). Prática de ensino em Geografia. **Revista Terra Livre**, Associação dos Geógrafos do Brasil, São Paulo, n.8, p.83-90, 1991.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 abr. 2019.

_____. Lei nº9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 29 mar. 2019.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Geografia**. Ensino Fundamental. MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CRUZ, Abigail Bruna da; AZEVEDO, Sandra de Castro de. Geografia escolar e escola no campo: investigações sobre a educação geográfica numa escola rural com currículo urbano. **Revista NERA**, v. 22, n. 46, p. 133-155, 2019.

CZARNIESK, Edina Malaquias; DALAROSA, Adair Ângelo. Educação do campo: perspectivas sobre a formação docente no colégio estadual do Campo de Cachoeira - Candói, PR. **Os desafios na escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE**, Paraná, p. 2-16, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unicentro_edinamalaquiasczarnieski.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.

FERNANDES, Bernardo M. e MOLINA, M. C. O Campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. A. de. **Educação do campo**. Brasília: Ed.UNB, 2004.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 30 out. 2019.

LIBÂNEO, J. C. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R.; LIMONTA ROSA, S. V.. (Orgs.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança. Diferentes olhares para a Didática**. Goiânia: CEPED/PUC GO, 2011

MARTINS, Fernando José. **Educação do Campo**: processo de ocupação social e escolar. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2., 2008, São Paulo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092008000100006&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 02 out. 2019.

MIRANDA, Ricardo Ferreira. O ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS ATUAIS. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, ano 04, p. 34-49, 2015. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/763/14886>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

OLIVEIRA, Alexandra Maria de. Campesinato, ensino de Geografia e escolas do campo: o conhecimento geográfico como um saber em conjunto. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, p. 62-75, 2011.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai a Geografia?**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1989. 144 p. Disponível em:
<https://mega.nz/#!PtNiEaTC!j5zbx0uCRa_HBIYN4hY8VqXIGM_IENqRnXp4NNJN72s>. Acesso em: 31 out. 2019.

_____, Ariovaldo Umbelino de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. *In*: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai a Geografia?**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1989. p. 135-144. Disponível em:
<https://mega.nz/#!PtNiEaTC!j5zbx0uCRa_HBIYN4hY8VqXIGM_IENqRnXp4NNJN72s>. Acesso em: 31 out. 2019.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSOA, Vera Lúcia Salazar. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. *In*: MARAFON, Glaucio José *et al.* **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 23-35, 2013.7

ZUBA, Janete Aparecida Gomes. **A formação do professor de Geografia: uma discussão sobre as exigências locais e regionais do Norte de Minas**. Orientador: Professora Doutora Vânia Rubia Farias Vlach. 2013. 212 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia, 2013. Disponível em:
<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15968/1/Janete%20Aparecida.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2019.